

UNIVERSIDADE DE COIMBRA, 3 de julho de 2019

CONFERÊNCIA “O Quê? Onde e Quando? Quem e Como? Porquê e Para Quê? Sete Perguntas sobre Investigação e Universidade”

Índice

1. Sinopse da Conferência	1
2. Resumo das Intervenções.....	2
2.1 Abertura	2
Sessão 1. O que é uma Universidade de Investigação?	2
Sessão 2. Um Retrato da Investigação na Universidade de Coimbra.....	4
Sessão 3. Os Investigadores e a Universidade	5
Sessão 4. Investigação e Inovação no Horizonte Europa	7
2.2. Encerramento	9

Realizou-se no dia 3 de julho de 2019, no Teatro Paulo Quintela da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, a conferência [“Sete Perguntas sobre Investigação e Universidade”](#), promovida pela Comissão de Investigação do Conselho Geral da Universidade de Coimbra.

1. Sinopse da Conferência

O aumento da importância relativa da investigação na definição da missão e da estratégia das universidades é uma evidência das duas últimas décadas. Este facto decorre de decisões políticas que, à escala nacional e à escala europeia, aumentaram significativamente o investimento em ciência e tecnologia. Trata-se de um processo transversal a todas as áreas científicas e implicou, no caso português, a criação de um sistema científico e tecnológico assente em centros de investigação, com diversos tipos de enquadramento nas respetivas universidades. Para além das questões organizacionais e do seu efeito na promoção da qualidade da produção científica, há ainda a considerar a definição nacional e europeia das áreas estratégicas e dos desafios sociais que têm orientado o financiamento competitivo da investigação. A conferência “Sete Perguntas sobre Investigação e Universidade” tem por objetivo fazer um breve retrato da investigação na Universidade de Coimbra, integrando-o numa reflexão sobre a natureza das universidades de investigação, sobre o lugar dos investigadores na universidade e sobre as prioridades para a inovação científica no horizonte das políticas europeias para os próximos anos.

A conferência estruturou-se em quatro painéis: “O Quê? O que é uma Universidade de Investigação?”, “Onde e Quando? Um Retrato da Investigação na Universidade de Coimbra”, “Quem e Como? Os Investigadores e a Universidade” e “Porquê e Para Quê? Investigação e Inovação no Horizonte Europa”. Enquanto o primeiro e o quarto painel se focaram nas macro-questões relacionadas com a natureza das universidades de investigação intensiva, nos modelos de desenvolvimento da investigação e nas orientações e objetivos globais das

políticas públicas de ciência na União Europeia, o segundo e o terceiro painéis foram dedicados à caracterização situada da investigação na Universidade de Coimbra e aos problemas concretos que afetam a formação, a carreira e integração dos investigadores nas instituições académicas ou nos diversos setores da economia no contexto nacional. Deste modo, o conjunto das oito intervenções dos oradores permitiram perspetivar os vários níveis de enquadramento e de articulação entre investigação e universidade que devem informar uma visão estratégica de desenvolvimento futuro da nossa instituição.

2. Resumo das Intervenções

2.1 Abertura

A abertura coube ao Coordenador da Comissão de Investigação, Manuel Portela, que contextualizou esta conferência na série de iniciativas que têm sido levadas a cabo pelo Conselho Geral ao longo do mandato em curso.¹ Os dois objetivos principais da conferência foram sintetizados deste modo: por um lado, a conferência visa promover uma reflexão geral sobre o lugar da investigação na universidade, tanto no contexto nacional como no contexto europeu; por outro lado, pretende proporcionar uma reflexão situada sobre o lugar da investigação neste momento na Universidade de Coimbra. Referiu ainda que, ao enunciar as práticas de investigação através das perguntas básicas *“O Quê? Onde e Quando? Quem e Como? Porquê e Para Quê?”*, a intenção da conferência era dirigir a atenção também para os fundamentos das próprias práticas científicas e não apenas para a situação histórica particular em que nos encontramos. *“Dados os desafios globais identificados para o próximo quadro no âmbito do Horizonte Europa (Saúde; Cultura, Criatividade e Sociedade Inclusiva; Segurança Civil para a Sociedade; Digital, Indústria e Espaço; Clima, Energia e Mobilidade; Alimentos, Bioeconomia, Recursos Naturais, Agricultura e Ambiente), dado o nosso espaço económico e social particular, dadas as nossas capacidades e recursos de produção de ciência, como definir e orientar a investigação?”*

Registo vídeo UCV: <https://www.youtube.com/watch?v=C3GnwsfzHrk>

Sessão 1. O que é uma Universidade de Investigação?

Moderador: Luís Dias (Conselho Geral, UC)

Oradores: Kurt Deketelaere (Secretário-Geral da Associação de Universidades de Investigação Europeias; Universidade de Louvaina) e Paulo Ferrão (Instituto Superior Técnico, Universidade de Lisboa). Registo vídeo UCV: <https://www.youtube.com/watch?v=qfIJdzu3RPU>

¹ As três conferências anteriores foram dedicadas aos seguintes temas e problemas: [“Desafios para a Universidade de Coimbra: Rituais de acolhimento e práticas de cosmopolitismo”](#) (21 de fevereiro de 2018), [“Ensino Superior: Governo e Organização”](#) (12 de outubro de 2018) e [“Empregabilidade dos Licenciados, Mestres e Doutores pela Universidade de Coimbra”](#) (15 de março de 2019). A quinta conferência decorrerá a 24 de setembro de 2019: [“Financiamento do Ensino Superior”](#). Além destas, realizou-se ainda o evento *UC 2030 - Uma Perspetiva Estudantil Quanto ao Futuro da Universidade* (18 e 19 de maio de 2018), organizado pelos representantes dos estudantes no Conselho Geral e pela Direção Geral da Associação Académica de Coimbra com o apoio do Conselho Geral e da Reitoria da Universidade de Coimbra.

Kurt Deketelaere salientou que uma universidade deve cumprir três papéis: o Ensino (que estará em primeiro lugar), a Investigação, e o Serviço à sociedade (inovação, *spin-offs*, ligação à sociedade em que se insere). Ser universidade implica fazer investigação, mas sempre em articulação com o ensino e com a sociedade. Tal é o que a distingue de outras instituições, públicas e privadas, que se centram na investigação apenas. Não terá então sentido falar de universidade de investigação, mas pode-se discutir o que é uma universidade de investigação intensiva (*research-intensive university*). Trata-se de uma universidade que coloca a ênfase na investigação, mais do que no ensino ou no serviço à sociedade. No seio da LERU (*League of European Research Universities*) utiliza-se um modelo bibliométrico, o volume de financiamento competitivo (nomeadamente fundos europeus - projetos, ERC, Marie-Curie, EIT) e o número de doutoramentos como parâmetros para medir a intensidade da investigação das universidades. Igualmente importante é a capacidade de ter investigação e ensino multidisciplinar, ultrapassando os “silos” disciplinares. Só assim estas universidades são capazes de responder aos grandes desafios do presente século e de servir a sociedade. Em particular, devem ser universidades capazes de convencer os cidadãos e a classe política da importância do papel que desempenham.

Paulo Ferrão começou por destacar que o fulcro da questão são as pessoas. Estas estão inseridas em universidades e unidades de investigação que se articulam de formas distintas em diferentes universidades. O objetivo último é beneficiar a sociedade e contribuir para um desenvolvimento sustentável. O maior desafio das universidades é o de se organizarem de forma a serem multidisciplinares e interdisciplinares, de que é exemplo a iniciativa *Energy for Sustainability* da UC. Foi ainda destacada a questão dos recursos e do contexto: evolução das bolsas de doutoramento FCT, do financiamento da FCT a projetos e do orçamento da FCT (incluindo a dificuldade em obter financiamento estrutural para a ciência). À questão sobre se *há universidades de investigação intensiva em Portugal?*, o orador chamou a atenção para a ausência de algumas condições de base: a percentagem de “graduate students” no total de estudantes é de apenas 7% (na UL é 9%, na UPorto 11%, na UC 13% vs. 60% no MIT, por exemplo); docentes integrados em unidades FCT: 65% nas universidades públicas portuguesas; docentes integrados na carreira: 50% (>80% estão em centros FCT). Como mudar este contexto? Por último, o orador sublinhou a importância do que designa como “ensino de ponta”, orientado para a internacionalização como via ligação ao resto do mundo, para a formação de estudantes mais habilitados a resolver problemas reais (que extravasam silos) com ênfase na interdisciplinaridade (exemplos da reforma no IST e cursos em Energia na UC) e capacidade de colocar os melhores nas empresas e habilitá-los para a criação de empresas (UC como bom exemplo), conseguindo emprego qualificado e bem remunerado em Portugal. Sublinhou por fim o valor de uma maior simbiose entre a universidade e as empresas, e a importância da circulação entre a academia e a sociedade ao longo da vida.

Sessão 2. Um Retrato da Investigação na Universidade de Coimbra

Moderador: Carlos Robalo Cordeiro (Conselho Geral, UC)

Oradores: Cláudia Cavadas (Vice-Reitora da UC) e Luís Simões da Silva (Vice-Reitor da UC)

Registo vídeo UCV: <https://www.youtube.com/watch?v=Jhc2pb6Wk0I>

Cláudia Cavadas apresentou detalhadamente a metodologia do estudo realizado pela Comissão de Investigação do Conselho Geral, analisando diagramas e tabelas que representam as áreas de investigação por unidades de I&D e por investigadores. Destacou as respetivas redes de relações, de acordo com as áreas científicas principais e secundárias. Salientou em seguida os Constrangimentos e Oportunidades identificados pelas unidades de I&D da UC. Estes três aspetos (metodologia do estudo, áreas científicas e autoavaliação SWOT das unidades de I&D) basearam-se no relatório preliminar “Caraterização da Investigação na Universidade de Coimbra”, de junho de 2019. Em seguida, Cláudia Cavadas sintetizou a visão da reitoria para a investigação, salientando os seguintes aspetos: investigação interdisciplinar; UC colaborativa; aberta ao mundo; impacto na sociedade; impacto local, nacional e internacional; reforço da internacionalização da investigação; e redes de universidades (“Coimbra Group”). Por último, referiu a importância da criação de um sistema de informação dedicado à recolha e agregação dos dados relativos à investigação que possam ser disponibilizados de forma atualizada e em tempo real (dados brutos e dados tratados).

Luís Simões da Silva estruturou a sua apresentação em quatro tópicos principais: Recursos Humanos; Recursos Financeiros; Infraestruturas Físicas; O que vem a seguir? No que se refere a Recursos Humanos, começou por contextualizar o contributo da investigação da UC no contexto do país: c. 10% do total, considerando investigadores integrados no Grupo UC, e c. 15% do total, quando contabilizadas todas as parcerias com outras instituições. Referiu igualmente a particularidade do ecossistema da UC, atendendo à grande representatividade das Associações Privadas sem Fins Lucrativos (APSFL - 21% das unidades do universo UC [8 unidades]), no referente quer a recursos humanos, quer a recursos financeiros. Entre os dados estatísticos apresentados, referiram-se: número total de investigadores, quer agregados, quer desagregados em vários subgrupos (investigadores doutorados integrados, não doutorados integrados [estudantes de doutoramento]), assim como distribuição dos investigadores pelas diferentes unidades. Já no que se refere a Recursos Financeiros, chamou a atenção para a inconsistência nos valores recolhidos, que variam consoante uma perspetiva restrita ao número fiscal UC ou uma perspetiva global, que inclua Grupo UC, transferência de tecnologia e incubação. Sublinhou também a dificuldade de compatibilizar a informação nos diferentes níveis de recolha, designadamente dados globais UC, dados DAPI e DITS, e dados das U&I. Referiu o facto de mais de metade do financiamento competitivo ser obtido por centros e projetos da FCTUC e destacou ainda que em certas áreas se obtém um valor significativo de financiamento ao nível de investigadores integrados (100,000€/ por investigador doutorado por ano nas unidades de engenharia, por exemplo). No que diz respeito à captação de financiamento relativamente às áreas científicas principais, destacam-se as engenharias (39% do financiamento competitivo) e a saúde (25% do financiamento competitivo). Referiu ainda os dados para o período 2013-2017: (grupo UC) 161 M€

investigação + transferências (2/3 está fora do número de contribuinte da UC). De seguida, apresentou sumariamente as infraestruturas de investigação da UC, destacando os diversos laboratórios e plataformas, exemplificados com os edifícios do IPN (Instituto Pedro Nunes) e do CerQ (Centro de Inovação e Competências da Floresta). A informação sobre recursos humanos, financeiros e infraestruturas foi sintetizada com base nos gráficos e tabelas constantes no relatório preliminar “Caraterização da Investigação na Universidade de Coimbra”, de junho de 2019. Por fim, sublinhou a importância de se alinharem as prioridades estratégicas com o Horizonte Europa e com a Agenda 2030 das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável.

Sessão 3. Os Investigadores e a Universidade

Moderador: Luís Coimbra (Conselho Geral, UC)

Oradores: João Ramalho-Santos (Presidente do CNC-Centro de Neurociências e Biologia Celular, UC) e Joana Brites (CEIS20-Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX, UC)

Registo vídeo UCV: https://www.youtube.com/watch?v=epm9e_MLYq0

João Ramalho-Santos apresentou uma comunicação intitulada “A Personal Vision of Research in Academia: Who and How? Researchers and the University, an Elusive Moving Target”. O tema foi introduzido por uma chamada de atenção para a existência de diferentes modelos e paradigmas na definição das carreiras em investigação, por um lado, e para a necessidade de se quebrarem as “bolhas disciplinares”, isto é, o isolamento das disciplinas, por outro. Referiu ainda o problema da avaliação crítica das diferentes áreas disciplinares, designadamente no que se refere à diversidade das métricas (por exemplo, no que se refere à avaliação bibliométrica) e à diversidade das noções de excelência adequadas a cada área. Sublinhou a necessidade de um bom sistema de suporte na preparação de candidaturas a concursos e a necessidade de um financiamento definido, sem estar sujeito às incertezas e flutuações que têm caracterizado o financiamento da FCT. Salientou ainda os aspetos negativos do “efeito Mariano Gago”, isto é, a criação de uma separação entre o sistema universitário e os centros de investigação com a consequente “formação de doutorados para o desemprego”. No que se refere à definição de carreiras, argumentou a favor da abertura a diferentes configurações – incluindo investigação, ensino + investigação, e ensino –, com a consequente necessidade de se repensar o próprio ECDU. Deu o exemplo dos EUA, onde se encontram diferentes tipos de carreiras de investigação: carreiras mais técnicas; postos não canónicos e contratos com a indústria. Ao chamar a atenção para a disparidade entre o número de pós-graduados em formação e o número de investigadores integrados, referiu a importância de uma formação orientada também para uma carreira fora da universidade, dando exemplos do CNC relativos à integração de investigadores no sistema de saúde e no campo da biotecnologia. Referiu, a título de exemplo, o contributo para a melhoria dos serviços prestados nos hospitais, através da colaboração entre ciência básica e investigação clínica, algo que se reflete também numa maior versatilidade na definição dos objetos de investigação. Mostrou ainda como este modelo de formação dos investigadores é posto em prática através do desenvolvimento de múltiplas valências: *outreach* (comunicação de ciência), transferência de saber (com os hospitais), patentes e *spin-offs*, sendo que o UC-BIOTECH assegura a parte académica da

formação, enquanto o BioCant Park assegura a parte seguinte, até ao mercado (embora seja preciso não esquecer a taxa elevada de insucesso das *spin-offs*, c. 90%). Foi destacada também a importância dos “Public Engagement Projects”, que reforcem as ligações da formação científica à sociedade (por exemplo, informação pública; teatro; artes; comunicação para os media; informação digital), incluindo a possibilidade de concorrer a financiamento com estes objetivos específicos (cf. projeto em curso no Museu da Ciência). Sublinhou de novo a incompatibilidade das necessidades permanentes e constantes no financiamento da investigação com a incerteza relativa ao orçamento da FCT, indicadora do subfinanciamento crónico do sistema científico. Por último, fez uma síntese de comentários dos painéis de avaliação das unidades de I&D da FCT à ciência produzida em Portugal: muita ciência com poucos recursos; muita ciência com professores que dão muitas aulas; muita ciência feita por investigadores que não têm contratos permanentes; pouca mobilidade (*inbreeding*). Terminou defendendo a necessidade de criação de um sistema mais flexível (a nível da docência e da investigação); chamando a atenção para os condicionalismos positivos (história, património) e negativos (concorrência com o eixo Lisboa-Porto; sentido de estatuto especial da UC) da Universidade de Coimbra; e enfatizando a importância de se definir um conjunto limitado de áreas de excelência para uma aposta estratégica.

Joana Brites organizou a sua intervenção a partir de uma reflexão situada enquanto investigadora e docente de história da arte, partindo das questões “Como é que a UC constrói o percurso de formação dos investigadores?” e “Como é que a UC apoia os investigadores?” Começou por sublinhar a diferença significativa das áreas das artes e humanidades relativamente às ciências e tecnologias, designadamente no que se refere aos níveis de internacionalização e às práticas de trabalho em equipa (e coautoria). Referiu ainda o modo como a construção do currículo do jovem investigador é o reflexo do seu contexto de formação: a experiência dos docentes na internacionalização da sua própria investigação tem reflexo na educação dos doutorandos, daí o papel crucial do docente na configuração do futuro dos jovens investigadores. Passou em seguida a analisar o processo de preparação de candidaturas a financiamento e as suas condicionantes: a elevada carga letiva e administrativa dos docentes em determinadas áreas (elevado número de discentes por docente; elevado número de orientações; carga letiva extensa; carga administrativa pesada); a existência ou não de serviços de apoio a candidaturas; o tempo de preparação da candidatura; o tempo que um projeto financiado permite comprar para dedicação exclusiva à investigação (tempo de outros; tempo do próprio docente - ERC, Horizonte 2020). Sublinhou, ao mesmo tempo, a importância da estabilidade do corpo docente para o bom funcionamento de um curso e de uma Faculdade, algo que não está devidamente reconhecido no sistema de avaliação de desempenho ao desvalorizar a componente pedagógica na avaliação dos docentes. Referiu ainda que o sistema de avaliação de desempenho, no que toca à investigação, parece estar orientado para a valorização da quantidade e não da qualidade (deu como exemplo o facto de 1 livro + 4 artigos + 1 projeto não permitir obter excelente na avaliação trienal). Depois de referir a alteração da cultura institucional na FLUC e no CEIS20 ao longo dos últimos anos, no que toca à preparação de candidaturas a projetos competitivos, deu como exemplo o seu processo próprio de

preparação de duas candidaturas (uma nacional e outra europeia). Destacou, nomeadamente, a importância do apoio recebido da DAPI nesse processo. Por último, referiu a dimensão pedagógica do falhanço nas referidas candidaturas, na medida em que contribuiu para (1) clarificação do problema que queria estudar (ao ter que explicá-lo a uma audiência que não conhece o problema e que não está convencida da sua relevância ou pertinência) e para (2) mudar a forma como a própria investigadora pensa a produção de ciência, ao colocar no arranque um feixe de questões do presente que demonstrem a relevância societal do problema.

Sessão 4. Investigação e Inovação no Horizonte Europa

Moderador: José Augusto Ferreira (Conselho Geral, UC)

Oradores: Fabrice Andreone (Representante da Direção-Geral de Investigação e Inovação da Comissão Europeia) e Tiago Santos Pereira (Centro de Estudos Sociais, UC)

Registo vídeo UCV: <https://www.youtube.com/watch?v=zaTELQDU-VA>

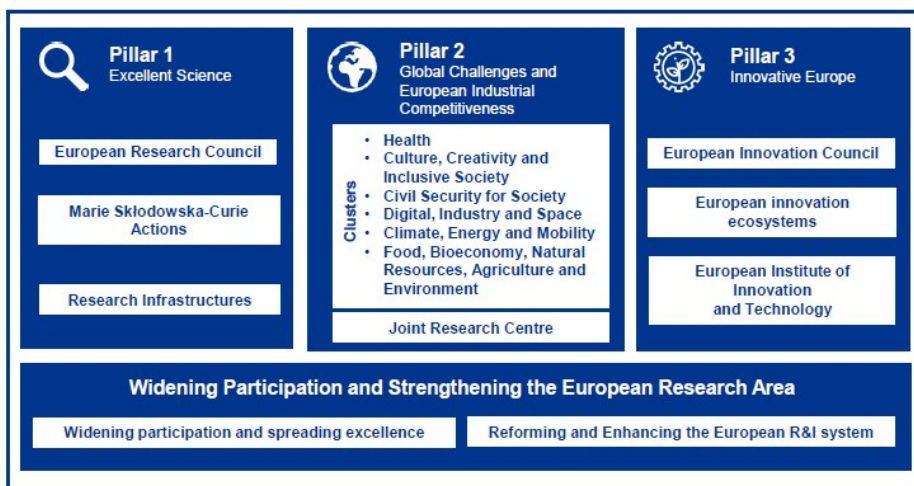
Fabrice Andreone fez uma apresentação sumária dos conceitos, estrutura e objetivos do programa “Horizonte Europa”, que determinará a alocação de financiamento para a ciência e a inovação no próximo quadro orçamental europeu. Dessa apresentação detalhada, destacam-se algumas das ideias principais. **Objetivos gerais** do programa “Horizonte Europa” (2021-2027, com um orçamento proposto de cem mil milhões de euros): (1) reforçar as bases científicas e tecnológicas da UE e o Espaço Europeu da Investigação (ERA); (2) aumentar a capacidade de inovação, a competitividade e o emprego da Europa; (3) concretizar as prioridades dos cidadãos e sustentar o modelo e valores socioeconómicos europeus.

Definição proposta de *missão*: “A mission is a portfolio of actions across disciplines intended to achieve a bold and inspirational and measurable goal within a set timeframe, with impact for society and policy making as well as relevance for a significant part of the European population and wide range of European citizens.” Principais áreas das **cinco missões de investigação e inovação**: (1) adaptação às mudanças climáticas, incluindo as transformações sociais; (2) cancro; (3) saúde dos solos e alimentação; (4) cidades inteligentes e climaticamente neutras; (5) oceanos, mares, águas costeiras e interiores saudáveis.

Estratégias de implementação: (1) *Nova abordagem às Parcerias Europeias* (nova geração de parcerias mais ambiciosas, orientadas por objetivos, apoiando os objetivos políticos acordados na EU, com as seguintes características principais: arquitetura e caixa de ferramentas simples; abordagem coerente do seu ciclo de vida; orientação estratégica); (2) *Cooperação Internacional* (enfrentar desafios sociais globais; acesso aos melhores talentos, conhecimentos e recursos do mundo; melhorar a oferta e a procura de soluções inovadoras); (3) *Ciência Aberta* em todo o Programa (melhorar a disseminação e exploração dos resultados da Investigação & Desenvolvimento e apoiar o envolvimento ativo da sociedade); (4) *Alargamento da participação e disseminação da excelência*. **Três pilares** principais: *Pilar 1 - Ciência Excelente*, reforçar e ampliar a excelência da base científica da União Europeia (“European Research Council; Marie Skłodowska-Curie Actions; Research Infrastructures”); *Pilar 2 – Clusters*, desafios globais e competitividade industrial europeia: impulsionar as principais tecnologias e soluções subjacentes às políticas da UE e aos objetivos de desenvolvimento sustentável (“Digital, Industry & Space; Culture, Creativity and Inclusive

Societies; Civil Security for Society; Health; Food, Bioeconomy, Natural Resources, Agriculture & Environment; Climate, Energy and Mobility”); *Pilar 3 – Europa Inovadora*, estimular inovações que criem mercados e ecossistemas propícios à inovação (“European Innovation Council; European innovation ecosystems; European Institute of Innovation and Technology-EIT”).

Horizon Europe: Preliminary structure



Lessons Learned from Horizon 2020 Interim Evaluation

-  Support breakthrough innovation →
-  Create more impact through mission-orientation and citizens' involvement →
-  Strengthen international cooperation →
-  Reinforce openness →
-  Rationalise the funding landscape →
-  Encourage participation →

Key Novelties in Horizon Europe

- European Innovation Council
- R&I Missions
- Extended association possibilities
- Open science policy
- New approach to Partnerships
- Spreading Excellence

Tiago Santos Pereira começou por recapitular o processo de escolha do nome para o programa “Horizon 2020” e para as ênfases distintas associadas a cada uma das três designações propostas a consulta pública pela Comissão: “Discover”, enfatizando uma lógica de descoberta científica; “Imagine”, pressupondo uma maior abertura a alternativas; e “Horizon”, sugerindo um horizonte de objetivos definidos. Comparativamente ao quadro de financiamento anterior, o “Horizonte 2020” caracterizou-se por maior flexibilidade temática. No que diz respeito aos pilares principais, “Horizon 2020” e “Horizon Europe” partilham um conjunto de princípios, embora o “Horizon 2020” tivesse sido concebido num momento de crise económica e financeira mundial. Uma das ênfases do novo programa parece estar (1) na otimização e na valorização das parcerias, (2) no facto de a inovação e a investigação surgirem enquadradas num conjunto de desafios societais de maior relevância global; e (3) na articulação explícita entre desafios societais globais e desafios tecnológicos com impacto global, incluindo novas tecnologias (nano-materiais, internet das coisas, *big data*, inteligência artificial, etc.). O “Horizonte Europa” procura ainda articular inovações tecnológicas e inovações sociais (descarbonização das cidades, por exemplo). No que se refere aos desafios das políticas públicas, valoriza o papel da investigação pública no estímulo e na orientação das políticas de inovação em ciência e tecnologia, e na valorização da ciência aberta e da digitalização. Procura dar expressão ao argumento de Mariana Mazzucato, em *The Entrepreneurial State: debunking public vs. private sector myths* (Anthem 2013), segundo o qual as políticas públicas podem ser orientadas de modo a produzir inovações que favoreçam o bem comum. O “Horizonte Europa” estrutura-se assim em “Grandes desafios” e “Missões” correspondentes a esses desafios. Os critérios-chave para a seleção de missões seriam os seguintes: “a) bold, with societal relevance; b) clear direction: targeted and time-bound; c) ambitious but realistic research and innovation actions; d) cross-disciplinary, cross-sector and cross-actor actions; e) multiple bottom-up solutions.” No que se refere às principais mudanças que caracterizam o “Horizonte Europa”, Tiago Santos Pereira destaca os nove aspetos seguintes: “Missions; European Innovation Council; European innovation ecosystems; Streamlining partnerships; Focus on outcomes; ERC success as model for EIC - empowering researchers/ innovators; Participatory processes; Co-creation models; Multi/Transdisciplinary approaches”. Por último, foram referidos vários indicadores relativos à taxa de financiamento obtida por Portugal no “Horizonte 2020” (c. 2%) e pela região de Coimbra (c. 6.5%) no conjunto dos fundos nacionais, além de outros mapas caracterizadores da intensidade de investigação e da intensidade industrial das várias regiões nacionais.

2.2. Encerramento

O encerramento esteve a cargo do Reitor da UC, **Amílcar Falcão**. Na sua intervenção começou por salientar o alinhamento de várias intervenções da conferência com as propostas constantes do seu programa e a oportunidade desta iniciativa no momento em que decorrem auscultações para elaboração do novo plano estratégico da UC. Sublinhou a importância da captação de novos doutorandos, exemplificando com a simplificação dos processos recentemente introduzida na UC. No que se refere aos constrangimentos a nível de recursos humanos identificados pelas unidades de I&D, referiu o número significativo de contratações recentes (incluindo as que resultam do financiamento a projetos) e a aposta na melhoria da

atratividade na captação de investigadores. Destacou a importância da estrutura Grupo UC na área da investigação e da inovação, tendo sublinhado a melhoria significativa na captação de fundos europeus a nível nacional, e na Universidade de Coimbra em particular, no quadro do Horizonte 2020. Um sinal evidente dessa melhoria reside na candidatura e no financiamento a projetos europeus noutras Faculdades além da FCTUC (que nos quadros orçamentais anteriores detinha o exclusivo dos projetos europeus), assim como o aumento de projetos com empresas em áreas muito diversas em resposta às convocações da CCDRC (direito, letras, psicologia, medicina, farmácia). Ambas as alterações indicam uma mudança de atitude e de mentalidade na captação de financiamento competitivo no conjunto da UC, incluindo maior abertura a projetos interdisciplinares. Referiu também a necessidade de se prosseguir o aumento do número de publicações em revistas internacionais de uma forma transversal em todas as Faculdades. Mencionou a relevância das iniciativas do Conselho Geral para a elaboração do plano estratégico pela Reitoria, designadamente no domínio da investigação. A opção pelo caminho de uma universidade de investigação (ainda que não de “investigação intensiva”) é também uma opção por um ensino de qualidade. Por último, sublinhou a importância das prioridades definidas pelo Horizonte Europa e a necessidade de alinhamento da investigação da Universidade de Coimbra pelas melhores práticas na Europa e no mundo. Registo vídeo UCV: <https://www.youtube.com/watch?v=Q8hPGv00Czs>